

## ACIDENTES DE TRABALHO EM UM FRIGORÍFICO CATARINENSE

Daiane Pereira dos Santos Ramos 1  
Davi Baasch 2

### Resumo

O presente estudo fala sobre as causas dos acidentes de trabalho ocorridos em um frigorífico de Santa Catarina. Para sua elaboração, foram levantadas informações referentes aos acidentes de trabalho ocorridos em uma unidade da empresa no ano de 2010. O objetivo geral era avaliar o fenômeno dos acidentes de trabalho em uma organização no ramo de abatedouro em Santa Catarina, com vistas à redução de ocorrência e diminuição de riscos. Na fundamentação teórica, foram utilizadas obras que falam sobre saúde e segurança no ambiente de trabalho, considerações legais, acidente de trabalho, e responsabilidade civil e criminal em acidentes de trabalho. Trata-se de uma pesquisa aplicada, descritiva, de abordagem predominantemente quantitativa. Os dados foram coletados através da técnica da observação, tanto direta assistemática, realizada pelos autores, quanto indireta, através de pesquisa documental (registros dos acidentes ocorridos em 2010). Com os resultados, pôde-se demonstrar setores críticos no que tange a temática acidentes de trabalho. Nas considerações finais, são sugeridas ações para a empresa.

**Palavras-chave:** Acidentes de trabalho. Frigorífico. Segurança no trabalho.

### Abstract

The present study discusses causes of work accidents in a slaughtering industry from Santa Catarina. Information concerning occupational accidents in 2010 have been raised in a unit of the company. The overall objective was to assess the phenomenon of occupational accidents at an slaughtering organization from Santa Catarina, in an effort to reduce its occurrence and risks. In literature review, we present papers discussing health and safety in the workplace, legal considerations, occupational accidents, and accidents' civil and criminal liability. This research has adopted an applied, descriptive, and predominantly quantitative approach. Data were collected through observation, both direct (unsystematic), held by the authors, and indirect, via documentary research (accident records from 2010). Results demonstrate critical sectors in terms of occupational accidents. Conclusions discuss results and suggest actions to the company.

**Keywords:** Occupational accidents. Slaughterhouse Industry. Meatpacking Industry. Safety at work.

---

<sup>1</sup> Administradora e acadêmica de psicologia na UNIDAVI (Rio do Sul). Endereço para correspondência: Rua Carlos Knappmann, 206 – Budag, Rio do Sul, SC CEP: 89160-000.

<sup>2</sup> Psicólogo, Mestre em Administração e em Psicologia do Trabalho e das Organizações, Doutor em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Professor da Faculdade CESUSC – Florianópolis. Endereço completo: Rua Gal. Eurico Gaspar Dutra, 440 Ap. 201 Bl. C. Florianópolis CEP: 88075-100. Telefone: (48) 9 9651-1950. E-mail: davibaasch@gmail.com.

## 1 INTRODUÇÃO

Em um ambiente de trabalho onde por natureza existem riscos, é necessária uma constante orientação para a prevenção de acidentes. Este estudo visa apresentar programas e medidas que podem auxiliar na diminuição dos acidentes de trabalho.

Todo empregado é responsável pela segurança em seu local de trabalho, praticando atitudes preventivas, evitando situações perigosas para si e para os outros. Com o comprometimento do empregador e dos empregados, os índices de acidentes podem diminuir. Assim sendo, é de extrema importância que cada pessoa reflita sobre a prevenção de acidentes, sentindo-se parte integrante no dia a dia da empresa.

A partir de então, surge o seguinte questionamento: Quais as causas dos acidentes de trabalho e quais atitudes podem auxiliar sua diminuição? Desta pergunta decorre o principal objetivo deste estudo: avaliar o fenômeno dos acidentes de trabalho em uma organização no ramo de abatedouro em Santa Catarina, com vistas à redução de ocorrência e diminuição de riscos.

## 2 SAÚDE E SEGURANÇA NO AMBIENTE DE TRABALHO

De acordo com Araujo (2006), todos os colaboradores desejam exercer as atividades em organizações que ofereçam condições de trabalho ideais principalmente no que se refere à saúde e segurança no ambiente de trabalho.

O autor ainda explica que os estudos sobre saúde e segurança do trabalho iniciaram no século XVI em função da compreensão das muitas perdas humanas. Tal evento resultou no surgimento de associações, as quais defendiam seus associados lutando por direitos, organizando e estruturando suas atividades. A partir dos acontecimentos, começaram a surgir as leis trabalhistas. Um dos primeiros relatos ocorreu na Itália, em 1700 com a publicação da obra *De morbis artificum diatriba*, de Ramazzini. A preocupação com saúde e segurança do trabalho nas leis trabalhistas, surgiram “[...] no Brasil, em 1943, com a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) e, posteriormente, em 1978, a Portaria n 3.214, constituída por 34 normas relacionadas a equipamentos e máquinas de proteção, insalubridades e outros aspectos”. (*ibid.*, p.190)

Com a intenção de orientar na atividade de compreender o que vem a ser acidente de trabalho e doença profissional ocasionados no ambiente de trabalho, observamos a Lei n 8.213, artigos 19 e 20, de 24 de julho de 1991, que os definem da seguinte maneira:

Acidente de trabalho é o que ocorre pelo exercício do trabalho a serviço da empresa ou pelo exercício do trabalho dos segurados referidos no inciso VII do art.11 desta Lei, provocando lesão corporal ou perturbação funcional que cause a morte ou a perda ou redução, permanente ou temporária, da capacidade para o trabalho.

Doença profissional, assim entendida a produzida ou desencadeada pelo exercício do trabalho peculiar de determinada atividade e constante da respectiva relação elaborada pelo Ministério de Trabalho e Previdência Social.

Conforme Araujo (2006), a saúde apresenta, como formação e complementação de seus objetivos, conceitos que explicam de forma direta e transparente alguns critérios básicos sobre sua aplicação:

- a) Promoção adequada das condições ambientais (iluminação, ruídos, temperatura);
- b) Controle dos fatores causadores das doenças (contato direto com materiais ou elementos prejudiciais à saúde, riscos físicos, químicos ou biológicos);

- c) Prevenção, redução e eliminação das causas prejudiciais (utilização adequada das condições ambientais e controle das causas das doenças);
  - d) Identificação das principais causas (observação das ocorrências de acidentes de trabalho);
  - e) Correção e manutenção das estruturas físicas (manutenções necessárias às estruturas físicas e aos equipamentos);
  - f) Prevenção, redução e eliminação de acidentes;
  - g) Implantação de um sistema de saúde e segurança do trabalho que se incorpore no dia-a-dia das organizações.
- O tópico a seguir aborda o tema acidentes do trabalho e suas características.

## 2.1 ACIDENTES DO TRABALHO

Segundo Zocchio (2008, p.14-15), acidentes de trabalho são ocorrências anormais e indesejáveis no exercício do trabalho que interrompem a atividade onde ocorrem, interferem negativamente em outras atividades, agridem os trabalhadores com pequenas médias ou até grandes lesões, mutilações e, às vezes com a morte, causam diversos prejuízos às empresas, contribuem para o desequilíbrio socioeconômico da nação. Nenhum executivo, presidente, diretor ou gestor cruza os braços para as anormalidades no processo da empresa. Desta mesma maneira não se pode, diante dos acidentes de trabalho, ficar de braços cruzados a essas anormalidades graves que passam às vezes despercebidas ou simplesmente ignoradas (*ibid*, p.15).

A parte mais transparente dos acidentes do trabalho são as suas vítimas pessoais, os trabalhadores. O que eles sofrem “na própria pele” é identificado visualmente por um simples curativo num dedo ou até por parte do corpo engessada, quando não ocorre o óbito cuja evidência é inquestionável. Além do mais, o trabalhador tem condições de se manifestar sobre a ocorrência que fica registrada como acidente pelo menos no ambulatório médico, ou simples enfermaria da empresa, e no órgão competente de atendimento a acidentados nos casos em que ele é tratado pela previdência social (*ibid*).

Na visão de Rodrigues (2009), conforme a lei, são condições para caracterização de acidente do trabalho: ocorrer no local de trabalho ou fora dele, se estiver a serviço da empresa ou do empregador, ocorrer em decorrência ou pelo exercício do trabalho.

Conforme aponta o mesmo autor (2009), são inclusos no conceito legal:

- h) Doenças do trabalho, definidas em Norma do Ministério do Trabalho e Emprego;
- i) Acidentes no local e no horário de trabalho, mesmo em consequência de atos de terceiros;
- j) Acidente de trajeto, ocorridos entre o percurso da casa para o trabalho e ou do trabalho para casa (casa – trabalho – casa).

Por mais que a empresa se destaque perante a sociedade com benefícios que oferece aos seus colaboradores, a organização existe para dar lucro aos seus donos, acionistas ou sócios. Para alcançar seus objetivos, a empresa investe em prédios, maquinários, instalações, mas acima de tudo em colaboradores. As organizações devem ter interesse em proteger seus investimentos contra tudo o que possa danificá-los. Acidentes de trabalho estão entre os que causam danos no patrimônio da empresa e transtornos sociais nos seus recursos humanos. Essa é uma forma simples de entender porque os acidentes de trabalhos devem ser combatidos nas empresas (ZOCCHIO, 2008, p. 24).

Conforme Zocchio (2008), o acidente de trabalho pode agredir o colaborador em diversas maneiras. Quando ocorre um acidente leve, onde o colaborador é atendido somente na

enfermaria, o acidentado perde tempo, a empresa gasta com os medicamentos e curativos, a jornada de trabalho é interrompida, quando retornar ao posto de trabalho, produzirá menos, se for mudado de função temporariamente, sua produtividade poderá ser comprometida. Para o trabalhador que sofre um acidente grave, que o leva a afastar-se do trabalho para um tratamento fora da empresa, o acidentado é substituído, o substituto pode não possuir a mesma habilidade, a qualidade do produto e ou do trabalho pode ficar temporariamente comprometida e a imagem da empresa também.

Os acidentes, dependendo da gravidade, podem trazer efeitos emocionais negativos, aos colegas da vítima a também a todos os setores da empresa. É inevitável que a notícia se espalhe pela comunidade, quase sempre com versão incorreta e contra a imagem da empresa. Podendo afetar a empresa quando os colaboradores emocionalmente alterados podem ter a capacidade de desempenho na função prejudicada temporariamente. A qualidade e a quantidade dos produtos podem ser comprometidas mesmo que temporariamente. Em caso de óbito, ou acidente de grande proporção, como incêndio, vazamento de produtos químicos, explosão, entre outros, a imagem de empresa fica comprometida na comunidade e junto às autoridades competentes (*ibid*, p. 26).

Na visão de Zocchio (2008), visto pelo lado econômico: quanto custa para a empresa essas consequências dos acidentes com vítimas? Essas despesas ou parte delas existem mesmo que deixem de ser contabilizadas especificamente, como resultantes de acidentes. Elas somam custos ao custo operacional, escondidas ou não. Para uma organização, não é fácil controlar todas as despesas originadas de acidentes, mas é muito importante que seus presidentes, gestores e supervisores estejam conscientes destes números. E também conscientes que os acidentes geram custos extras, que se somam ao custo operacional da empresa. Mas esses custos podem ser reduzidos sim, na medida em que os acidentes forem prevenidos.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa classifica-se como aplicada e descritiva, pois tem por objetivo estudar as características de um grupo: sendo sua distribuição por sexo, idade, escolaridade, etc. (GIL, 2010). Nesta investigação foram avaliados todos os setores da organização, comparando-se os dados e verificando-se possíveis soluções. Trata-se de uma pesquisa predominantemente quantitativa, uma vez que seus dados apresentam-se sob forma numérica e podem ser diretamente convertidos a ela (ROESCH, 2009, p.130). Além da pesquisa bibliográfica que deu origem ao embasamento teórico deste trabalho, esta pesquisa fez uso também da técnica da pesquisa documental (MARCONI; LAKATOS, 2010, p. 48-49).

É ainda válido destacar que, em sua coleta de dados, este trabalho considerou os dados provenientes dos registros (documentos textuais) de acidentes ocorridos no ano de 2010 na empresa estudada, assim como informações a eles complementares (como dados demográficos dos acidentados, por exemplo).

Nesta pesquisa, foi usado como instrumento de coleta de dados a pesquisa documental (observação indireta). Além dos dados fornecidos pela empresa, foram somados a estes a observação direta assistemática, obtida através da experiência profissional da autora deste trabalho, que atuou nesta organização por 8 anos, sendo, destes, 6 no setor de segurança e medicina da empresa.

Para este estudo, foram coletadas informações de todos os acidentes de trabalho no período de 2010, apenas da unidade matriz de um abatedouro. Tais informações foram gentilmente cedidas pela empresa pesquisada.

O que caracteriza a observação direta assistemática, é o fato de o conhecimento ser

obtido através de uma experiência casual, sem que se tenha determinado de antemão quais os aspectos relevantes a serem observados e que meios utilizar para observá-los (MARCONI; LAKATOS, 2010, p.77-78).

Os dados foram tabulados e analisados através do programa SPSS (*Statistical Package for Social Sciences*) versão 16.0. Foram analisadas as frequências das variáveis nominais, classificadas em ordem decrescente (as variáveis mais frequentes primeiro), para sabermos os principais “vilões” dos acidentes de trabalho; foi também utilizada a estatística descritiva (média, desvio padrão) para as variáveis escalares. Depois os resultados do SPSS foram colados no MS Excel versão 2007, junto com os dados originais da empresa.

As doenças relacionadas ao trabalho não foram incluídas nos resultados, pois na organização não haviam comunicados de acidentes de trabalho relacionados as doenças ocupacionais no ano de 2010.

### 3.1 CARACTERIZAÇÃO DA ORGANIZAÇÃO E SEU AMBIENTE

Localizada no estado de Santa Catarina e atuante no mercado desde 1948, a empresa estudada é um abatedouro de bovinos e suínos, tendo em torno de 1600 colaboradores diretos. Nos seus mais diversos setores, expõe seus colaboradores a trabalhos com máquinas e equipamentos, os quais oferecem riscos ao trabalhador, podendo ocasionar acidentes com sérias lesões aos trabalhadores exceto quando os mesmos apresentam-se devidamente cautelosos em seu uso.

A organização possui internamente um setor específico para a prevenção de acidentes de trabalho, denominado SESMT – Serviços Especializados em Engenharia de Segurança e em Medicina do Trabalho. Na ocasião em que os dados deste estudo foram coletados, era composto por 01 engenheira de segurança do trabalho, 01 médico do trabalho, 03 técnicos de segurança do trabalho, 01 auxiliar de enfermagem, 01 fonoaudióloga, 01 fisioterapeuta. Este setor atuava de acordo com as exigências da legislação do Ministério do Trabalho. E cumprindo a Norma Regulamentadora NR 5, possuía uma CIPA (Comissão Interna de Prevenção de Acidentes de Trabalho) desde 24 de janeiro de 1984 (informação obtida via contato telefônico com o órgão competente da cidade de Florianópolis/SC). A empresa possuía, naquele momento, também um comitê de ergonomia, um grupo estruturado dentro da empresa para combater os problemas ergonômicos existentes de forma gradativa e sistemática. Esse grupo, após analisar a atividade, estuda em profundidade suas soluções.

Anualmente é realizada a SIPAT – Semana Interna de Prevenção de Acidentes, com palestras relacionadas a acidentes de trabalho, palestras motivacionais entre outras. A empresa realiza durante todos os anos, em diversas datas, treinamentos específicos na utilização de máquinas e equipamentos. Tem uma importante participação na integração de novos colaboradores, com uma palestra voltada a segurança do trabalho e visita ao parque fabril com explicações referentes à segurança do trabalho. Realizam durante todo o ano análises ergonômicas nos postos de trabalho dos colaboradores da empresa.

A empresa, em parceria com o SESI, possui diariamente um instrutor de ginástica laboral na organização. Além de exercícios físicos, a ginástica laboral consiste em alongamentos, relaxamento muscular e flexibilidade das articulações. Apesar da prática da ginástica laboral ser coletiva, ela é moldada de acordo com a função exercida pelo trabalhador. Apesar dos benefícios físicos, a prática voluntária da ginástica laboral proporciona ganhos psicológicos, diminuição do estresse e aumento no poder de concentração, motivação e moral dos trabalhadores. A ginástica laboral também pode trazer benefícios econômicos diretos para as empresas ao diminuir o afastamento e elevar a produtividade dos empregados.

## 4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Avaliaram-se os acidentes de trabalho de todos os setores da matriz da organização. Em seguida, foram comparados os dados entre cada setor.

Tabela 1 - Frequência dos acidentes nos setores

<i>Setores</i>	<i>Frequência</i>	<i>%</i>	<i>Percentagem cumulativa</i>	<i>Funcionários</i>	<i>%</i>
Abate	29	26,4%	26,4%	86	33,7%
Desossa Suína	23	20,9%	47,3%	180	12,8%
Desossa Bovina	13	11,8%	59,1%	55	23,6%
Manutenção	7	6,4%	65,5%	25	28,0%
Miúdos	6	5,5%	70,9%	30	20,0%
Carregamento de Carnes	5	4,5%	75,5%	24	20,8%
Câmara Fria	4	3,6%	79,1%	37	10,8%
Defumados	3	2,7%	81,8%	22	13,6%
Transportes	3	2,7%	84,5%	17	17,6%
Tripária	3	2,7%	87,3%	19	15,8%
Expedição de Defumados	2	1,8%	89,1%	12	16,7%
Higienização	2	1,8%	90,9%	22	9,1%
Pátio	2	1,8%	92,7%	12	16,7%
Sala de Injeção	2	1,8%	94,5%	14	14,3%
Salsicharia	2	1,8%	96,4%	31	6,5%
Outros	4	3,6%	100,0%	21	19,0%
Total	110	100%	-	607	18,1%

Fonte: Dados primários.

De acordo com a tabela 1, podemos verificar que no ano de 2010 ocorreram 110 acidentes com os colaboradores da empresa estudada. Sendo no setor de abate o maior número de acidentes, 29 acidentes ocorridos (26,4% do total de acidentes) neste setor tendo em vista que no período de 2010 contava com um total de 86 funcionários (10,49% do total de 820 funcionários). Na sequência apresenta-se o setor de desossa suína que tinha um total de 180 colaboradores (21,95% do total) e 23 acidentes ocorridos (20,9% do total). Posteriormente segue o setor de desossa bovina com um total de 13 acidentes (11,8%) ocorridos e um quadro funcional de 55 colaboradores (6,71%). Na tabela 1, observa-se ainda que somente os três primeiros setores destacados acima já possuem um percentual de 59,1% dos acidentes desta organização.

A partir dos resultados desta tabela e das observações *in loco* feitas pelos autores, chega-se a conclusão que no setor de abate encontram-se os colaboradores que há mais tempo trabalham na empresa, sendo funcionários que possuem em média 8,31 anos de tempo de serviço. O excesso de confiança, a desatenção, as distrações com conversas paralelas e brincadeiras, e a falta de cobrança do supervisor imediato, impulsionada pelo fato de ter o supervisor funcionários experientes no setor, são prováveis fatores antecedentes deste resultado tão preocupante. A média geral de tempo de serviço dos colaboradores na empresa é de 7,32 anos.

Na desossa suína, os acidentes são proporcionais ao número de colaboradores e acidentes ocorridos. Eram 180 funcionários (21,95% do total) e 23 acidentes (20,9% do total) ocorridos no ano.

Já na desossa bovina os funcionários tem uma média de tempo de serviço igual a 5,6 anos. Para este setor, a empresa adquiriu um avental em malha de aço para a prevenção dos acidentes. Neste setor, através das observações feitas, foram também identificadas conversas paralelas, desatenção e excesso de confiança.

Nos setores da empresa, de modo geral, o manuseio inadequado dos objetos de trabalho e a falta de destreza e agilidade no uso de facas e serras, leva a ocorrência de acidentes. O simples fato de agir sem permissão do supervisor imediato ao acionar uma máquina ou equipamento, leva o colaborador a sofrer sérias lesões. A inutilização dos dispositivos de segurança em uma máquina ou equipamento, faz desse ato um risco grave e iminente aos colaboradores. A falta de manutenção preventiva deixa o ambiente de trabalho propício às ocorrências.

Os locais onde ocorreram os acidentes na empresa em 2010 nem sempre são iguais ao setor onde o funcionário está enquadrado, já que muitos trabalhadores exercem atividades em setores diferentes dos seus. Na maioria dos casos, todavia, os acidentes ocorrem no mesmo local de trabalho dos colaboradores. Porém, destacam-se os acidentes de trajeto, no percurso casa – empresa – casa, totalizando 08 acidentes no ano de 2010.

A análise destes resultados nos mostra que diante dos acontecimentos, pode-se sugerir que a empresa busque junto a órgãos competentes a realização de palestras relacionadas à segurança no trânsito, com pedestres, bicicletas, motos e carros. Campanhas educativas internas também podem ajudar nesse sentido, pois no pátio interno da empresa, por exemplo, muitos colaboradores não respeitam as faixas de pedestres. Pode-se sugerir, por exemplo: na semana interna de prevenção de dos acidentes (SIPAT), contratar um grupo de teatro com um ator fantasiado de policial aplicando multas ao colaboradores de circulam pelo pátio desrespeitando as faixa de pedestres. Essas multas podem ser frases ligadas à prevenção dos acidentes de trânsito e no trabalho realizado dentro da organização.

Desta maneira, chega-se à conclusão que os colaboradores, vendo a figura de uma autoridade, levam mais a sério as normas internas de segurança desta organização.

A seguir, apresentam-se as causas dos acidentes de trabalho na empresa em 2010.

Tabela 2 - Causa dos acidentes

<i>Agente causador</i>	<i>Frequência</i>	<i>Percentagem</i>	<i>Percentagem cumulativa</i>
Faca	46	41,8%	41,8%
Queda	9	8,2%	50,0%
Serra	8	7,3%	57,3%
Carçaça suína	6	5,5%	62,7%
Máquina	4	3,6%	66,4%
Queda de moto	4	3,6%	70,0%
Queda de bicicleta	3	2,7%	72,7%
Acidente de trânsito	2	1,8%	74,5%
Água quente	2	1,8%	76,4%
Caixa	2	1,8%	78,2%
Corpo estranho	2	1,8%	80,0%
Mal jeito	2	1,8%	81,8%
Manilha	2	1,8%	83,6%
Vapor	2	1,8%	85,5%
Outros	16	14,5%	100,0%
Total	110	100,0%	

Fonte: Dados primários.

A tabela 2 apresenta os causadores dos acidentes de trabalho nesta empresa, sendo que o maior causador destes 110 acidentes, com um percentual de 41,8% do total foram as facas, os principais objetos de trabalho dos colaboradores desta organização, com 46 acidentes. Conhecendo as linhas de produção desta empresa, sabe-se que a grande maioria dos funcionários que usam facas recebem o equipamento de proteção individual adequado, as luvas de malha de aço com punho longo e curto e também as luvas anticorte com fios de aço que servem para a prevenção destes acidentes. Em notificação de acidentes de trabalho (NAT), observam-se relatos em que o colaborador retirou o equipamento de proteção individual descumprindo as normas de segurança da empresa e, por descuido, cortou-se. Quando esse mesmo colaborador retornou às suas atividades normais, recebeu advertência por escrito.

Em segundo lugar, com uma frequência de 9 acontecimentos, tem-se as quedas, que por sua vez, ocorrem nos mais diversos locais da empresa. Logo após, temos as serras que, por desatenção e excesso de confiança, fazem com que aconteçam os acidentes.

Ressalta-se que somente as facas, as quedas e as serras chegam a um percentual de 57,3 % das causas dos acidentes de trabalho. É válido lembrar que os acidentes com facas e serras são facilmente administráveis, conforme discutiu-se.

Em análise aos acontecimentos dos acidentes de trabalho com facas, e observando os relatos escritos em notificações de acidentes de trabalho (NAT), os colaboradores deixam de usar os equipamentos de proteção individual, bem como as luvas de malha de aço destinadas a protegê-los, para chairar (afiar) suas facas e neste momento ocorrem os acidentes, assim como os funcionários que tiram suas luvas de malha de aço minutos antes de finalizarem suas atividades para saírem do local de trabalho com mais rapidez, para os intervalos de café, ginástica laboral, e almoço. Em outras situações, podemos observar que os colaboradores, por excesso de confiança, tem o hábito de se aproximarem para conversar e, sem intenção, um colega acaba cortando o outro, ocasionando um acidente. É visto também que, por



descumprimento das normas de segurança da empresa, os colaboradores costumam virar as peças de carne com a faca. Desta maneira, a faca frequentemente escapa da peça de carne e atinge o funcionário, causando também um acidente de trabalho.

Diante deste cenário, pode-se sugerir que a empresa adote uma política mais severa de correção aos colaboradores, e também aos supervisores. É visível que somente advertências aos colaboradores é insuficiente. Estes costumam retirar os equipamentos de proteção individual fornecidos pela empresa, ou viram as peças de carne com a faca. Em alguns casos, os acidentes de trabalho com facas ocorrem quando a mesma escapa da mão do trabalhador e, para não deixá-la cair, o mesmo a segura, provocando um corte e lesionando sua mão.

Pode-se ainda sugerir que os supervisores dos setores sejam mais atuantes quando se trata de prevenção de acidentes de trabalhos, pois não é só pensar na produtividade do setor, mas sim no colaborador, pois um funcionário acidentado é um funcionário a menos no quadro de funcionários daquele setor e naquela empresa, sobrecarregando outro colega de trabalho, que conseqüentemente corre um risco ainda maior de se acidentar. Mais do que isso, a atuação dos supervisores deve focalizar os “antecedentes críticos” dos acidentes. Ou seja, ao invés de concentrar esforços em toda a organização, os supervisores responsáveis também pela segurança no trabalho devem enfatizar, por exemplo: aqueles setores (como o setor de abate) e instrumentos de trabalho (como a faca) com elevada probabilidade de gerar novos acidentes de trabalho. A seguir, apresentam-se as partes do corpo atingidas nos acidentes na empresa em 2010.

Tabela 3 - Parte do corpo atingida no acidente

<i>Parte do corpo atingida</i>	<i>Frequência</i>	<i>Porcentagem</i>	<i>Porcentagem cumulativa</i>
Mãos	51	46,4%	46,4%
Membros Inferiores	14	12,7%	59,1%
Membros Superiores	13	11,8%	70,9%
Partes Múltiplas	13	11,8%	82,7%
Tronco	10	9,1%	91,8%
Cabeça	9	8,2%	100,0%
Total	110	100,0	

Fonte: Dados primários.

Para o item “Mãos” adotamos: todos os dedos, dorso e palma de ambas as mãos, e o punho. Na descrição “Membros Inferiores” incluímos: pés e pernas. Na descrição “Membros Superiores”, usamos: antebraços, cotovelos, braços e ombros. Em “Partes Múltiplas” foram incluídos os acidentados em mais de uma parte do corpo, como, por exemplo: um braço e uma perna, o cotovelo e o tornozelo, etc. E em “Tronco”, citamos os acidentes no abdome e nas costas.

A partir de então, pôde-se observar que os colaboradores deste frigorífico, sofrem a grande maioria de seus ferimentos nas mãos, com 46,4% do total. Na seqüência aparecem os membros inferiores, com 12,7%; posteriormente os membros superiores, com 11,8%. Em seguida, as partes múltiplas que em muitos dos casos, são originados em acidentes como quedas de bicicletas ou motos, ocorridos nos trajetos casa – empresa – casa com um total de 11,8%. Após temos o tronco, com 9,1%, e finalizando temos a cabeça, com 8,2% dos acontecimentos.

Tendo em vista os resultados ora apresentados, observou-se que a negligência em relação às medidas de segurança da organização, por seus colaboradores e supervisores é

significante mediante o número de acidentes ocorridos.

As mãos precisam trabalhar em perfeita sintonia com o cérebro e sob os cuidados dos olhos. Sendo assim, os colaboradores e supervisores devem concentrar-se mais, visando estes tipos de acidentes, sem se esquecer de procurar consecutivamente melhorias para prevenir os demais acidentes. Porém o cuidado com as mãos tem sido desconsiderado pelos funcionários e pelos supervisores. É o caso, por exemplo, quando os colaboradores tiram suas luvas de malha de aço e anticorte, ambas disponibilizadas pela empresa para a proteção das mãos, as mais afetadas nos acidentes, denotando tal descaso. A seguir, apresentamos os dias da semana onde ocorreram os acidentes na empresa em 2010.

Tabela 4 - Dias da semana onde ocorreram os acidentes

<i>Dias da semana</i>	<i>Frequência</i>	<i>Porcentagem</i>	<i>Porcentagem cumulativa</i>
Segunda-feira	24	21,8%	21,8%
Terça-feira	23	20,9%	42,7%
Quarta-feira	23	20,9%	63,3%
Quinta-feira	20	18,2%	81,8%
Sexta-feira	16	14,5%	96,4%
Sábado	3	2,7%	99,1%
Domingo	1	0,9%	100,0%
Total	110	100,0%	

Fonte: Dados primários.

Não foram encontradas diferenças significativas nas frequências dos acidentes dentro dos dias da semana. A incidência dos acidentes é proporcional à carga de trabalho em cada dia. Dos 110 acidentes registrados, 73 (66,4%) ocorreram no período matutino, 33 (30%) no período vespertino e 4 (3,6%) no período noturno, considerando-se como “manhã” o período compreendido entre as 00:01h e as 12:00h, “tarde” o período das 12:01h as 18:00h e “noite” das 18:01h as 00:00h. A organização estudada tem seu maior fluxo de trabalho no período das 07:00 às 17:03h.

Analisando com atenção, pensamos que se o maior fluxo de trabalho compreende o período da 07:00 às 17:03h, o fato de os acidentes ocorrerem mais no período da manhã não se justifica por si só. Os acidentes deveriam se concentrar, portanto, também nos períodos matutino e vespertino. Em uma análise ulterior, vimos que a mediana dos acidentes, medida que identifica o “valor típico” de um conjunto de números, apresenta um valor igual a 238,13 minutos trabalhados até a ocorrência dos acidentes. Compreende-se que o período de 8h e 48min, atual jornada diária desta organização, é equivalente a 508,80 minutos, cuja mediana equivale a 254,40 minutos (considerando-se uma população com distribuição normal). Partindo deste ponto de vista, não podemos dizer que os acidentes ocorrem por excesso de jornada de trabalho. Mais uma vez, isso reforça a nossa tese da desatenção, do excesso de confiança, do descaso com as medidas de segurança por parte dos trabalhadores e, sobretudo, da empresa, e da falta de comprometimento dos supervisores das áreas produtivas.

A maior incidência dos acidentes de trabalho ocorre com colaboradores do sexo masculino, com 70,9% (n=78), porém é válido lembrar que durante o ano de 2010 havia na empresa um total de 466 homens (56,83% do total). E 354 mulheres no total representando (43,17% do total), apresentando 29,1% (n=32) dos acidentes. Vale destacar ainda que os três

setores onde mais ocorreram acidentes de trabalho, abate, desossa suína e desossa bovina, possuíam em 2010, respectivamente, 63, 73 e 31 homens nos seus quadros funcionais. Por outro lado, em 2010 havia nos mesmos setores, respectivamente, 23, 107 e 24 mulheres trabalhando. Logo, pode-se observar que as mulheres são provavelmente mais cuidadosas e responsáveis quando o assunto é segurança. Em um setor onde há mais mulheres do que homens como é o caso da desossa suína, o número de acidentes é menor. Embora se saiba que os homens tipicamente desempenhem atividades de maior risco, com uso de mais força para a realização das atividades, talvez a empresa devesse enfatizar seus treinamentos em sua mão-de-obra masculina. A seguir, apresentam-se os meses das ocorrências dos acidentes na empresa em 2010.

Tabela 5 - Mês dos acidentes

<i>Meses</i>	<i>Frequência</i>	<i>Porcentagem</i>	<i>Porcentagem cumulativa</i>
Março	21	19,1%	19,1%
Janeiro	12	10,9%	30,0%
Maio	10	9,1%	39,1%
Junho	10	9,1%	48,2%
Julho	9	8,2%	56,4%
Agosto	9	8,2%	64,5%
Setembro	8	7,3%	71,8%
Fevereiro	7	6,4%	78,2%
Abril	7	6,4%	84,5%
Dezembro	7	6,4%	90,9%
Novembro	6	5,5%	96,4%
Outubro	4	3,6%	100,0%
Total	110	100,0%	

Fonte: Dados primários.

De acordo com a tabela 5, podemos verificar que no ano de 2010 ocorreram, somente no mês de março, um total de 21 acidentes de trabalho (19,1% do total). Sabe-se que no mês de março de 2010 a empresa estava com um quadro de 873 funcionários, ao passo que em janeiro esta possuía 941 colaboradores, possuindo uma média de 887 colaboradores durante o ano. O mês de março, portanto, chama ainda mais a nossa atenção. É bastante intrigante observarmos mais acidentes neste mês em comparação a outros meses onde o número de funcionários era maior (em janeiro, por exemplo: 68 colaboradores a mais).

Analisando os meses do ano, a maior produtividade da empresa inicia-se a partir do mês de outubro devido às festas de confraternização das empresas, ao *reveillon*, etc. Nesta época, o consumo de carnes é significativamente maior. Mas o que leva o mês de março a ser o campeão dos acidentes?

Embora não se tenha descoberto respostas a estas perguntas, pode-se sugerir à empresa que substitua a data de sua Semana Interna de Prevenção dos Acidentes (SIPAT) para o mês de março, enfatizando assim a redução dos acidentes neste mês. Atualmente, a empresa realiza a SIPAT nos meses de junho e ou julho.

Na sequência, apresentam-se os graus de escolaridade dos acidentados na empresa em 2010.

Tabela 6 - Escolaridade dos acidentados

<i>Escolaridade</i>	<i>Frequência</i>	<i>Porcentagem</i>	<i>Porcentagem cumulativa</i>
4 série completa	31	28,2%	28,2%
5 a 8 série incompleta	27	24,5%	52,7%
2 grau completo	21	19,1%	71,8%
1 grau completo	19	17,3%	89,1%
2 grau incompleto	6	5,5%	94,5%
4 série incompleta	5	4,5%	99,1%
Superior completo	1	0,9%	100,0%
Total	110	100,0%	

Fonte: Dados primários.

As maiores frequências dos acidentes ocorridos estão com os funcionários que possuem apenas até a 4ª série do ensino fundamental. Juntamente com os funcionários que possuem escolaridade da 5ª a 8ª série do ensino fundamental incompleta, aqueles somam 52,7% do total de acidentes. Pôde-se observar que nos setores onde mais aconteceram acidentes de trabalho as escolaridades citadas na tabela 6 estão com as seguintes médias: 53 dos 86 colaboradores do abate (61,63%) possuem o ensino fundamental incompleto. Na desossa suína, 70 dos 180 colaboradores (38,89%) possuem tal escolaridade. E na desossa bovina temos 25 dos 55 colaboradores (45,45%) com essa escolaridade. A escolaridade se mostrou bastante relacionada ao descaso em relação a questões de segurança e ao excesso de confiança nas atividades exercidas.

A empresa não precisa se preocupar tanto com “educar os educados”, mas sim enfatizar seus esforços de redução de acidentes nos menos instruídos. Vale lembrar que os menos instruídos tipicamente também exercem atividades de maior risco.

Além das tabelas apresentadas acima temos resultados da estatística descritiva, onde analisamos a média e o Desvio Padrão de cada variável numérica. Assim teremos uma noção ainda maior, por exemplo, "da média de minutos que os acidentados haviam trabalhado até seus acidentes".

Na tabela abaixo, a coluna “Mínimo” representa os valores mínimos observados nos casos e a coluna “Máximo” representa os valores mais altos observados. Apresentam-se ainda as médias e os desvios padrão de cada variável.

A seguir, apresenta-se a estatística descritiva dos acidentes de trabalho na empresa em 2010.

Tabela 7 - Estatística descritiva – variáveis quantitativas

<i>Variáveis</i>	<i>Casos analisados</i>	<i>Mínimo</i>	<i>Máximo</i>	<i>Média</i>	<i>DP</i>
Dias de afastamento	110	0.0	118	10,35	17,007
Ano do nascimento	110	1950	1992	1977,60	9,592
Meses no cargo	110	0.0	93	39,81	34,032
Minutos trabalhados até o acidente	110	0.0	590	238,13	168,078
Ano de admissão	110	1985	2010	2004,85	5,519
Número de casos analisados	110				

Fonte: Dados primários.

Para dias de afastamento, foram analisados 110 casos com um mínimo de nenhum dia e um máximo de 118 dias de afastamento, apresentando uma média de 10,35 dias de afastamento por acidente e um desvio padrão de 17 dias. Ao todo, temos, portanto, mais de 1100 dias de afastamento de colaboradores em virtude de acidentes de trabalho, o que implica num enorme custo, tanto financeiro quanto psicossocial. Em outras palavras: ambas as partes, funcionário acidentado e empresa, têm bastante a perder diante deste panorama.

Em relação ao ano de nascimentos dos acidentados, foram analisados 110 casos, cuja média foi igual a 1977, o que nos sugere uma idade média dos acidentados igual a 34 anos (desvio padrão igual a 9,6 anos). Tal resultado praticamente descarta qualquer suspeita de que os acidentes possam ser causados em razão da idade do acidentado, seja ela precoce ou avançada.

Referente a quantos meses o colaborador estava em seu cargo até a ocorrência de seu acidente, foram também analisados 110 casos em 2010. O valor mínimo encontrado foi nenhum mês (0) e o máximo foram 93 meses, apresentando uma média de 39,81 meses (desvio padrão de 34 meses). Isso sugere que os acidentes típicos não acontecem em virtude da falta de experiência dos funcionários, mas sim por outros motivos, conforme já destacamos.

Quanto aos minutos trabalhados até a ocorrência dos acidentes analisados, observamos uma média de 238,13 minutos (desvio padrão de 168,1 minutos). 238 minutos equivale a praticamente 4 horas de trabalho. Em uma jornada de trabalho de 8 horas, uma média de 4 horas é pouco sugestiva. Os acidentes de trabalho, portanto, não parecem relacionados ao tempo de trabalho do colaborador no dia em que se acidenta, mas sim a outras variáveis, conforme sugerido anteriormente.

Para o ano de admissão dos funcionários acidentados em 2010, verificou-se uma média igual a 2004 (desvio padrão de 5,52). Ou seja, os funcionários acidentados trabalham, em média, há 6 anos na empresa investigada. Embora o desvio-padrão seja significativo, este resultado reforça a tese de que não é por falta de experiência que os acidentes de trabalho acontecem.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho investigou os acidentes de trabalho em um frigorífico de Santa Catarina. A partir da análise documental e de observações assistemáticas diretas *in loco*, pôde-se deduzir que a empresa não tem uma política de segurança eficaz. Foi nítido durante a análise dos dados o clima de excesso de confiança entre os colaboradores de modo geral, o descaso com as normas internas de segurança, a distração dos colaboradores durante a execução das atividades e a falta de comprometimento dos supervisores.

Procedimentos e normas existem, treinamentos para a formação de seus empregados são realizados, porém não se consegue diminuir a frequente ocorrência de acidentes (com ou sem afastamentos). Diante do panorama revelado pela análise dos dados do frigorífico, é recomendada a utilização em maior amplitude do Artigo 158 da CLT, que sugere que os trabalhadores observem e colaborem com a empresa para a efetividade das normas de segurança e medicina do trabalho, mas também que a empresa, em última instância, uma vez que as ações corretivas devem ser progressivas, atribua a pena de dispensa por justa causa àqueles que não acatarem as instruções de segurança. Desta forma, entende-se que a empresa estará se opondo ao clima de insegurança ora observado.

Em uma organização onde funcionários são os maiores interessados em desfrutar de um ambiente de trabalho mais adequado e manter sua própria integridade física, é dever dos

mesmos cumprir as normas de segurança da empresa, sendo dever da empresa fazer com que seus funcionários as cumpram, por meio de advertências verbais, advertências por escrito, suspensões e até mesmo demissões por justa causa. O descumprimento das normas da empresa é algo sério, que pode levar os colaboradores a sofrer danos indesejados, implicando nos custos outrora discutidos. Mais do que isso, tal descumprimento pode alimentar um clima de insegurança entre os colaboradores da empresa, conforme nossa observação assistemática tem sugerido.

É sugerida para a empresa a utilização e distribuição de um Manual de segurança nos processos de integração com novos colaboradores e também de reintegração dos funcionários com 5 anos ou mais de serviço. Sugere-se também a mudança da data de realização da SIPAT (Semana Interna de Prevenção dos acidentes) dos meses de junho e ou julho para o mês de março. A empresa também deve investir mais em capacitação voltada à Segurança no trabalho para seus supervisores, dando a eles mais conhecimento e autonomia, fazendo com que haja distinção entre relações formais e informais no ambiente de trabalho. Não obstante, sugere-se ainda que advertências sejam aplicadas por atos inseguros, tanto ao colaborador quanto ao seu supervisor, pois se houve negligência quanto à segurança no trabalho por parte do colaborador, indiretamente o supervisor foi conivente com tal situação.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Luis César G. de. **Gestão de Pessoas**. São Paulo: Atlas, 2006.

BRASIL. **Consolidação das Leis do trabalho**. Decreto-Lei n. 5.452, de 1 de maio de 1943. Aprova a consolidação das leis do trabalho. Lex - Coletânea de Legislação: edição federal, São Paulo, v. 7, 1943. Suplemento.

BRASIL. Constituição 1988. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado 1988.

BRASIL. **Lei n. 8.213** de 24 de julho de 1991. Coletânea. Organização dos textos por Nelson Mannrich, 4. ed. São Paulo: RT, 2003.

DANTAS, M.; CAVALCANTE, V. **Pesquisa qualitativa e pesquisa quantitativa**. Universidade federal de pernambuco, centro de artes e comunicação. Recife, 2006. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/14344653/Pesquisa-qualitativa-e-quantitativa>. Acesso em: 15 jun. 2011.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

JUNG, Carlos Fernando. **Metodologia para pesquisa e desenvolvimento**: aplicada a novas tecnologias, produtos e processos. Rio de Janeiro: Axcel, 2004.

LAKATOS, Eva Maria, MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico**: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. [Site institucional]. Disponível em: <http://portal.mte.gov.br/legislacao/normas-regulamentadoras-1.htm>. Acesso em: 13 mai. 2011.

OLIVEIRA, Aristeu de. **Manual de prática trabalhista**. 38. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

RODRIGUES, Flavio Rivero. **Treinamento em saúde e segurança do trabalho**. São Paulo: LTr, 2009.

ROESCH, Sylvia Maria Azevedo. **Projeto de Estágio e de Pesquisa em Administração**: guia para estágios, trabalhos de conclusão, dissertações e estudos de caso. Colaboração Grace Vieira Becker; Maria Ivone de Mello. 3. ed. – 5.reimpr.- São Paulo: Atlas, 2009.

ROQUETTO, Hélio. **SST**: profissão perigosa para quem não se prepara. São Paulo: LTr, 2007.

ZOCCHIO, Álvaro. **Como entender e cumprir as obrigações pertinentes a segurança e**

**saúde no trabalho:** um guia e um alerta para os agentes e chefias das empresas. 2. ed. São Paulo: LTr, 2008.